

História Medieval, os principais fatos.

Importância do cristianismo na origem do período medieval

Cristianismo primitivo é uma etapa da história do cristianismo de aproximadamente três séculos (I, II, III e parte do IV), que se inicia após a Ressurreição de Jesus (30 d.C.) e termina em 325 com a celebração do Primeiro Concílio de Niceia.

Os primeiros cristãos, como descrito nos primeiros capítulos dos Atos dos Apóstolos, ou eram judeus ou eram gentios convertidos ao judaísmo, conhecidos pelos historiadores como judeus-cristãos.

Jesus, o Cristo, era um Judeu que havia escolhido 12 discípulos, entre eles Pedro e Tiago. Não pretendia criar outra religião fora do Judaísmo.

Os judeus lutaram contra o Império Romano, que dominavam também Jerusalém, em 70 depois de Cristo, após uma rebelião, os romanos destruíram definitivamente a cidade e o templo, obrigando os judeus a se dispersarem no mundo, fato conhecido como a Diáspora dos Judeus, que vai durar até a 2ª Guerra Mundial, quando Adolf Hitler determinará o Holocausto dos Judeus matando 6 dos 9 milhões existentes na Europa (ou seja, 2/3).

Paulo de Tarso, que não era Judeu, se converte após uma visão, reivindicou o título de Apóstolo dos Gentios. O cristianismo é, em grande parte, uma criação de Paulo. A influência de Paulo no pensamento cristão se diz ser mais significativa do que qualquer outro autor do Novo Testamento. Até ao final do século I, o cristianismo começou a ser reconhecido interna e externamente como uma religião separada do judaísmo rabínico.

Logo no começo, os cristãos sofreram perseguições esporádicas, porque se recusavam a adorar os deuses romanos e homenagear o imperador como um ser divino. Eles são considerados mártires. No século IV, Constantino aliou-se politicamente com o cristianismo e terminou com a perseguição aos cristãos promulgando o Édito de Milão. O que começou como um movimento religioso dentro do judaísmo do primeiro século tornou-se, até ao final deste período, a religião oficial do Império Romano.

A ressurreição de Cristo é um dos fatos de maior importância para os primeiros anos do cristianismo e, ao mesmo tempo, o mais enigmático.

Ao que parece, nem todos os apóstolos estavam de acordo em relação aos eventos, e é certo que Paulo criou uma verdadeira teologia da ressurreição a partir de reflexões muito particulares. Ainda assim, uma vez admitidos no Cânon pelo magistério oficial da Igreja, os escritos de Paulo são tidos pelos fiéis como inspirados pelo Espírito Santo, sendo portanto seus ensinamentos legítimos na fé. De toda forma, mesmo que não possamos determinar exatamente o que se passou na ressurreição, a crença no retorno de Jesus foi essencial para modelar o cristianismo primitivo.

Pedro foi, sem dúvida, o apóstolo mais influente nos primeiros tempos, mas Tiago, Paulo e João também tiveram um papel importante no estabelecimento do primeiro cristianismo, com sede em Roma, tornaram-se os primeiros papas e Roma continua sendo a sede da Igreja Católica Apostólica Romana em paralelo com a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa que tinha base em Constantinopla, mas que hoje possui vários patriarcas (como são chamados os papas ortodoxos) no lado oriental cristão.

As primeiras discordâncias entre os cristãos diziam respeito à questão dos cristãos hebreus e os cristãos helenistas. Com efeito, uma questão que se coloca após a morte de Cristo é se o gentio poderia ser diretamente convertido ao cristianismo ou se deveria antes se tornar judeu. Como sabemos pelos livros de Atos e pelas cartas de Paulo, além das fontes romanas, o cristianismo estava se difundindo rapidamente pelo território do Império Romano, o que significava que grandes somas de não cristãos estavam sendo convertidos nessa época.

O cristianismo passou a se diferenciar marcadamente do judaísmo quando, por volta do ano de 90, surgiu o judaísmo rabínico após a destruição do Segundo Templo. O mundo romano influenciou as idéias cristãs de várias maneiras.

Um dos fatos mais importantes da História do Cristianismo foi a conversão do Imperador Constantino no século IV ao cristianismo, e as implicações dessa conversão para o futuro do Império.

A Igreja Primitiva passou a se nomear Católica (que significa "Universal"),

Em 64 ocorreria o Grande incêndio de Roma, o imperador romano Nero culparia os cristãos por este ato, e iniciaria a perseguição à Igreja, martirizando diversos cristãos notáveis tais como o Apóstolo Pedro. A perseguição continuaria até 313 quando seria publicado o Édito de Milão pelos dois Augustos, o imperador ocidental Constantino, e Licínio, o imperador oriental. Este édito de tolerância permitiu aos cristãos ter completa liberdade para praticar sua religião sem ser molestado, iniciando-se a Paz na Igreja.

Em 395, o imperador Teodósio torna o cristianismo a religião oficial do Império Romano. Teodósio também dividiu o império em duas partes: Império Romano do ocidente, com capital em Roma; e Império Romano do Oriente, com capital em Constantinopla. Com essa medida, acreditava que fortaleceria o império. Diversos povos passaram a ocupar o território romano, os bárbaros.

Fim do Império Romano

Mas já a partir de 370 d.C. o Império Romano começa a entrar em colapso, vários povos bárbaros (como Hunos, Visigodos, Ostrogodos, Alamanos, Suevos, Vikings e Vândalos), que viviam nas fronteiras do império, invadem Roma para saquear e destruí-la, em 476, finalmente, o Império Romano acaba, restando apenas Bizâncio (futura Constantinopla) como última grande cidade do ex império.

No meado do ano 500 d.C. o imperador de Constantinopla, Justiniano, torna o cristianismo obrigatório.

Feudalismo

O feudalismo foi um conjunto de práticas envolvendo questões de ordem econômica, social e política. Entre os séculos V e X, a Europa Ocidental sofreu uma série de transformações que possibilitou o surgimento dessas novas maneiras de se pensar, agir e relacionar. De modo geral, a configuração do mundo feudal vinculou-se a duas experiências históricas concomitantes: a crise do Império Romano e as Invasões Bárbaras.

A economia sofreu uma retração das atividades comerciais, as moedas perderam seu espaço de circulação e a produção agrícola ganhou caráter subsistente. Nesse período, a crise do Império Romano favoreceu um processo de ruralização das populações, que não mais podiam empreender atividades comerciais.

A ruralização da economia também atingiu diretamente as classes sociais instituídas no interior de Roma. A antes abrangente classe de escravos e plebeus veio a compor, com os povos germânicos, uma classe campesina consolidada como a principal força de trabalho dos feudos. Trabalhando em regime de servidão, um camponês estaria atrelado à vida rural (fortemente preso à terra) em virtude das ameaças dos conflitos da Alta Idade Média e da relação pessoal instituída com a classe proprietária, ali representada pelo senhor feudal. Não havia mobilidade social, um padeiro seria sempre padeiro, ou um ferreiro seria sempre ferreiro, por outro lado, um nobre seria sempre nobre enquanto estivesse sob as graças do seu suserano (o rei).

A sociedade era dividida em 3 classes sociais: no topo estava o Clero (ligados à Igreja), os Nobres (ligados aos reis) e os Camponeses (a maior parte da população).

Ao mesmo tempo em que a economia e as relações sociopolíticas transformavam-se nesse período, não podemos nos esquecer da importância do papel da Igreja nesse contexto. O clero entrou em acordo com os reis e a nobreza com o intuito de expandir o ideário cristão. A conversão da classe nobiliárquica deu margens para que os clérigos interferissem nas questões políticas. Muitas vezes um rei ou um senhor feudal doava terras para a Igreja em sinal de sua devoção religiosa. Dessa forma, a Igreja também se tornou uma grande “senhora feudal” dona das almas e das mentes das pessoas do período medieval.

O império Carolíngio e o poder da Igreja Católica Apostólica Romana na Europa

Em 768, a dinastia carolíngia foi entregue a Carlos Magno, monarca responsável pelo apogeu da dominação dos francos na Europa Medieval. Seguindo uma política de tom expansionista, o novo rei promoveu o domínio de territórios situados na Península Itálica e entrou em luta contra os muçulmanos do Islã, estabelecendo a Marca de Hispânia, na região sul dos Pirineus. Logo depois, conquistou a cidade de Barcelona, as ilhas Baleares e impôs sua dominação sob os povos saxões da Alemanha.

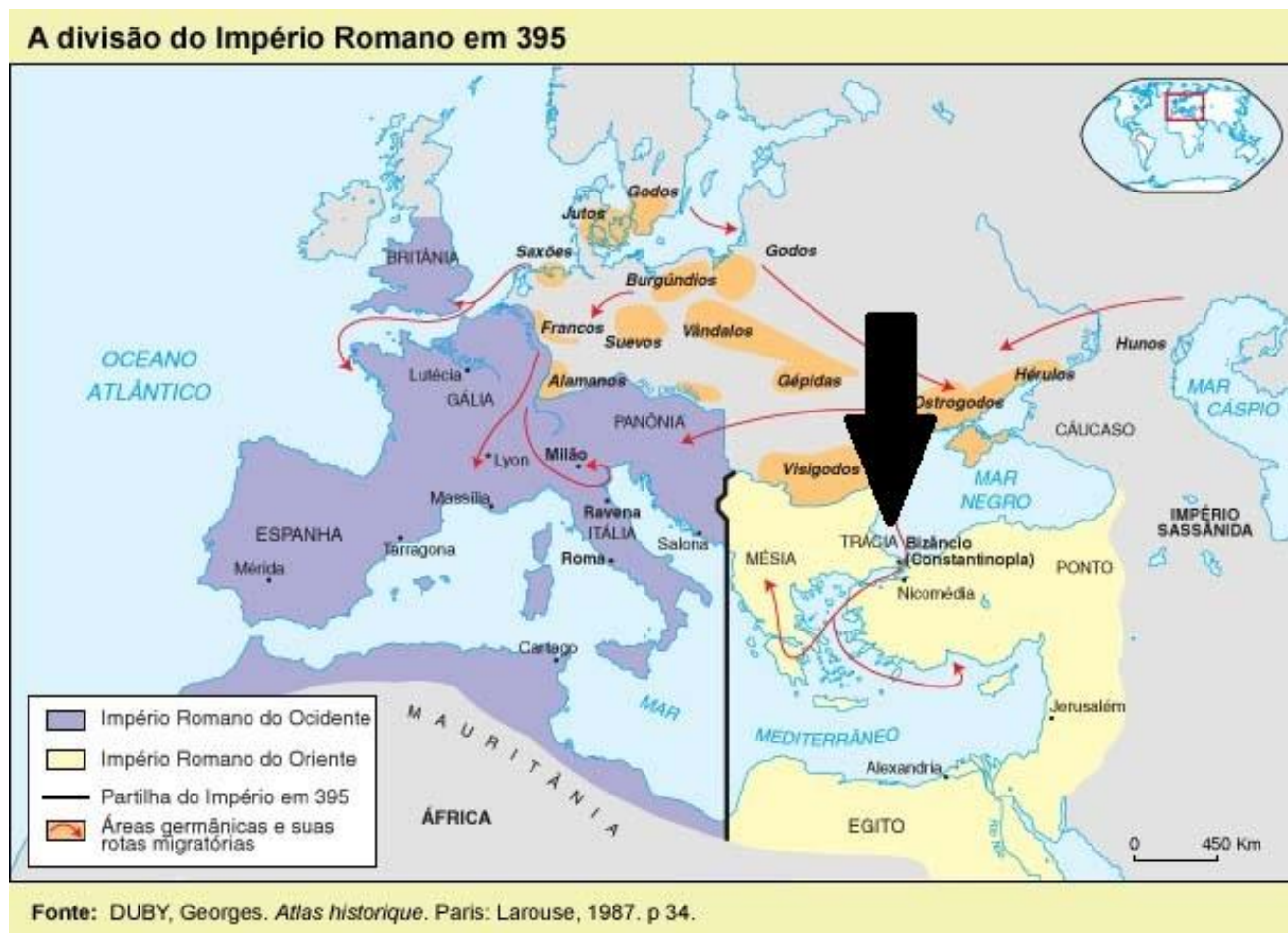
Formando um vasto território, Carlos Magno teve grande preocupação em organizar administrativamente as regiões conquistadas. Para tanto, realizou a doação de terras a todos os nobres que o auxiliavam durante as batalhas. Além disso, dividiu todos os domínios imperiais em duzentos condados que seriam geridos por um nobre e um bispo. O controle do poder exercido por esses líderes locais era fiscalizado por um funcionário público chamado missi dominici (“enviados do senhor”).

O advento de formação do Império Carolíngio marcou profundamente o processo de expansão do cristianismo dentro da Europa. No dia 25 de dezembro de 800, Carlos Magno foi coroado como imperador do novo Império Romano do Ocidente pelo papa Leão III.

A aproximação realizada pela Igreja se justificava pela possibilidade de conversão de todos os domínios agregados à autoridade de uma mesma liderança política e religiosa. Portanto, a Igreja ampliou seus domínios e suas riquezas tornando-se muito poderosa no aspecto religioso e político. A partir daí os reis só poderiam ser coroados com a benção da Igreja.

Conflitos internos e a divisão da Igreja

O Cisma do Oriente é o nome dado à divisão da Igreja Católica, ocorrida em 1054, entre a Igreja chefiada pelo papa, em Roma, e a igreja chefiada pelo patriarca, em Constantinopla (antiga Bizâncio e atual Istambul). O Cisma foi o resultado de um constante distanciamento entre as práticas cristãs efetuadas pelas duas vertentes do catolicismo, além de representar uma disputa pelo poder político e econômico na região



mediterrânea.

Antes da cisão entre as duas igrejas havia uma unidade entre elas em decorrência da estrutura do Império Romano. Em Roma, localizava-se o papa, exercendo no continente europeu a autoridade máxima, além da existência de duas outras autoridades com o mesmo poder, um patriarca em Alexandria, no Egito, e outro patriarca em Constantinopla. O patriarca de Alexandria perdeu sua importância após a anexação do Egito ao Império Muçulmano.

O Cisma do Oriente ocorreria em 1054, após o patriarca Miguel Cerulário ser excomungado pelo papa de Roma. Com essa decisão, Cerulário proclamou a separação oficial entre as duas igrejas, já que, para os orientais, Roma afastara-se das pregações originais de Jesus Cristo. A partir daí surgiria a Igreja Ortodoxa ou Igreja Católica do Oriente, com sede em Constantinopla, e a Igreja Católica Apostólica Romana, sediada em Roma.

De 1096 a 1270, expedições foram formadas sob o comando da Igreja, a fim de recuperar Jerusalém (que se encontrava sob domínio dos turcos seldjúcidas) e reunificar o mundo cristão, dividido com a “Cisma do Oriente”. Essas expedições ficaram conhecidas como Cruzadas.

O mundo cristão se encontrava dividido. Por não concordarem com alguns dogmas da Igreja Romana (adoração a santos, cobrança de indulgências, etc.), os católicos do Oriente fundaram a Igreja Ortodoxa. Jerusalém, a Terra Santa, pertencia ao domínio árabe e até o século XI eles permitiram as peregrinações cristãs à Terra Santa. Mas no final do século XI, povos da Ásia Central, os turcos seldjúcidas, tomaram Jerusalém. Convertidos ao islamismo, os seldjúcidas eram bastante intolerantes e proibiram o acesso dos cristãos a Jerusalém.

As Cruzadas

Em 1095, o papa Urbano II convocou expedições com o intuito de retomar a Terra Sagrada. Os cruzados (como ficaram conhecidos os expedidores) receberam esse nome por carregarem uma grande cruz, principal símbolo do cristianismo, estampada nas vestimentas. Em troca da participação, ganhariam o perdão de seus pecados.

A Igreja não era a única interessada no êxito dessas expedições: a nobreza feudal tinha interesse na conquista de novas terras; cidades mercantilistas como Veneza e Gênova deslumbravam com a possibilidade de ampliar seus negócios até o Oriente e todos estavam interessados nas especiarias orientais, pelo seu alto valor, como: pimenta-do-reino, cravo, noz-moscada, canela e outros. Movidas pela fé e pela ambição, entre os séculos XI e XIII, partiram para o Oriente oito Cruzadas.

A primeira (1096 – 1099) não tinha participação de nenhum rei. Formada por cavaleiros da nobreza, em julho de 1099, tomaram Jerusalém. A segunda (1147 – 1149) fracassou em razão das discordâncias entre seus líderes Luís VII, da França, e Conrado III, do Sacro Império. Em 1189, Jerusalém foi retomada pelo sultão muçulmano Saladino. A terceira cruzada (1189 – 1192), conhecida como “Cruzada dos Reis”, contou com a participação do rei inglês Ricardo Coração de Leão, do rei francês Filipe Augusto e do rei Frederico Barbaruiva, do Sacro Império. Nessa cruzada foi firmado um acordo de paz entre Ricardo e Saladino, autorizando os cristãos a fazerem peregrinações a Jerusalém. A quarta cruzada (1202 – 1204) foi financiada pelos venezianos, interessados nas relações comerciais. A quinta (1217 – 1221), liderada por João de Brienne, fracassou ao ficar isolada pelas enchentes do Rio Nilo, no Egito. A sexta (1228 – 1229) ficou marcada por ter retomado Jerusalém, Belém e Nazaré, cidades invadidas pelos turcos. A sétima (1248 – 1250) foi comandada pelo rei francês Luís IX e pretendia, novamente, tomar Jerusalém, mais uma vez retomada pelos turcos. A oitava (1270) foi um fracasso total. Os cristãos não criaram raízes entre a população local e sucumbiram. O número de cruzadas talvez tenha sido no total de 11, ninguém sabe ao certo.

Em resumo, algumas cruzadas obtiveram sucesso, outras sequer chegaram até Jerusalém, mas durante a maior parte do tempo a região ficou sob influência dos muçulmanos. Por fim, a Europa deixou de realizar novas expedições cruzadistas por estar envolvida em dois novos eventos internos: a Peste e a Guerra dos Cem Anos.

A peste Negra

A peste negra é como ficou conhecida a peste bubônica, doença causada pela bactéria *Yersinia pestis*, transmitida pela pulga de ratos (até hoje existente, mas agora facilmente tratada com antibióticos), que atingiu o continente europeu entre 1340 e 1350.

Surgiu na Ásia, provavelmente China, e daí espalhou em direção à Europa. O resultado foi catastrófico, pois a doença atingiu praticamente todo o continente e resultou na morte de milhões de pessoas. As estimativas mais tradicionais falam que cerca de 1/3 da população europeia morreu (cerca de 24 milhões de pessoas).



Uma das formas de contágio também se dá pela via respiratória, é conhecida como peste pneumônica. A pessoa doente falecia em até três dias depois de contrai-la. Muitas das pessoas que demonstravam os sintomas da peste faleciam dentro de 24 horas após manifestar os primeiros sinais

O homem desse período medieval não sabia de onde vinha essa doença, já que na Europa a medicina não era desenvolvida e não havia escola de medicina, os médicos não tinham formação científica. Portanto, acreditavam que era um castigo de deus.

Muitas pessoas, as que podiam, passaram a fugir das grandes cidades ou praticar isolamento social na zona rural.

Como todas as pandemias, essa foi sazonal e diminuiu muito até 1350.

A Guerra dos Cem Anos

Durante a peste, os Europeus passaram por outro período conhecido como a Guerra dos Cem anos. A Guerra dos Cem Anos foi uma longa e descontinuada guerra entre Inglaterra e França, que ocorreu entre 1337 e 1453(116 anos), motivada por razões políticas e econômicas.

A causa política da Guerra dos Cem Anos foi a disputa pelo trono francês, após a morte de Carlos IV, em 1328, que colocou fim à dinastia dos Capetíngios.

O rei da Inglaterra, Eduardo III, era neto de Filipe, o Belo, e reivindicava o direito à coroa francesa. Do ponto de vista econômico, o motivo foi a disputa pela rica região de Flandres (Holanda e Bélgica atuais).

Além de ser um rico centro comercial, Flandres possuía uma importante indústria de tecidos de lã, cuja matéria prima era importada da Inglaterra.

Como a exploração de lã para Flandres era uma importante fonte de riqueza para nobres ingleses, eles resolveram enfrentar as pretensões francesas em relação à região.

Nos primeiros anos da guerra, os ingleses, com excelente infantaria, obtiveram vitórias espetaculares.

Alegando ter sido designada por Deus para dar fim ao controle inglês, a camponesa Joana D'Arc mobilizou as tropas e populações locais. Aproveitando do momento, o rei Carlos VII mobilizou tropas e passou a engrossar e liderar os exércitos que mais uma vez se digladiaram contra a Inglaterra. Nesse instante, temendo o fortalecimento de uma liderança popular, os nobres franceses arquitetam a entrega de Joana D'Arc para os britânicos.

No ano de 1430, Joana D'Arc foi morta na fogueira sob a acusação de bruxaria. Mesmo com a entrega da heroína, os franceses conseguiram varrer a presença britânica na porção norte do país. Em 1453, um tratado de paz que encerrava a Guerra dos Cem Anos foi assinado.

Por um lado, a guerra foi importante para se firmar o ideal de nação entre os franceses. Por outro, abriu caminho para que novas disputas alterassem a situação da monarquia inglesa.

Tomada ou Conquista de Constantinopla

A cidade de Constantinopla (antes Bizâncio) resistiu como último ponto do Império Romano desde 476 até 1453 d.C., quando foi, finalmente, sob o reinado de Constantino IX, conquistada pelos turcos otomanos islamizados, liderados por Maomé II.

Esse fato marcou o fim da Era Medieval na História. Daí começa a História Moderna que vai até a Revolução Francesa, em 1789.

Constantinopla era uma cidade fortificada a beira do mar, com 21 quilômetros de muros, possuía um frota de navios numerosa. Contudo, após meses de persistência de Maomé II e graças a suas táticas de persuasão que incluía o uso dos maiores canhões já produzidos no mundo, até então, ele consegue conquistá-la. Assim, ele põe fim ao domínio cristão no Oriente Médio e fecha o principal caminho que os europeus usavam para realizar um importante comércio com a China e a Índia: a Rota da Seda, que existe até hoje.

Como consequência, após o fechamento da Rota da Seda, os europeus buscaram rotas alternativas pelo mar para buscar especiarias na Índia e isso resultará, no Périplo Africano, ou seja, descoberta e contorno marítimo da África e na Descoberta da América, incluindo o Brasil.

